



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GIORDANA LEITE PEREIRA

**TRECHOS DA HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE:
(RE)CONHECENDO NOMES E INSTITUIÇÕES**

**CAMPINA GRANDE - PB
JULHO\2016**

GIORDANA LEITE PEREIRA

**TRECHOS DA HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE:
(RE)CONHECENDO NOMES E INSTITUIÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
(Monografia) apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, em
cumprimento à exigência para a obtenção do
grau de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elaine Melo de Brito
Costa

CAMPINA GRANDE/PB
JULHO/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436t Pereira, Giordana Leite.
Trechos da história da dança de salão em Campina Grande
[manuscrito] : (re)conhecendo nomes e instituições / Giordana
Leite Pereira. - 2016.
51 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação
Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências
Biológicas e da Saúde, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa,
Departamento de Educação Física".

1. Dança de salão. 2. Memória. 3. Educação. 4. Cultura. I.
Título.

21. ed. CDD 792.62

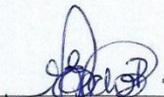
GIORDANA LEITE PEREIRA

**TRECHOS DA HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE:
(RE)CONHECENDO NOMES E INSTITUIÇÕES**

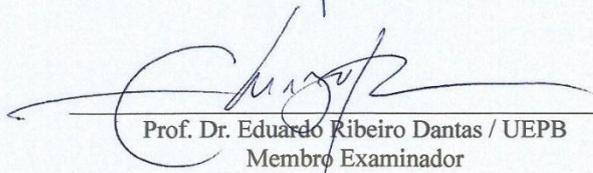
Aprovado em, 22/07/2016.

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
(Monografia) apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à
exigência para a obtenção do grau de Licenciado
em Educação Física.

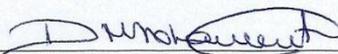
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Elaine Melo de Brito Costa / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas / UEPB
Membro Examinador



Profª. Ms. Dóris Nobrega de Andrade Laurentino / UEPB
Membro Examinador

CAMPINA GRANDE/PB
JULHO/2016

D

edico este trabalho a Deus e a meus pais, por todos os ensinamentos e momentos compartilhados, essenciais para minha formação como pessoa.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo

Pela minha vida e por todas as oportunidades que Ele me concedeu e, ainda, pela companhia constante em minha vida.

Aos meus Pais

Pela vida de amor e dedicação transmitida. Pelos valores de respeito e exemplos repassados. Por acreditarem em mim e nos meus sonhos, quando ninguém mais acreditou. Pelos “NÃO” e “SIM” que me educaram e me fizeram aprender lições que valerão para toda minha vida. E por todos os incentivos que recebo e recebi durante minha trajetória, que foram indispensáveis para minha chegada até aqui.

Ao meu noivo Jankarly

Pela compreensão, pelos momentos de dispersão essenciais, pelo amor e por tudo que partilhamos juntos.

Aos meus professores

Por todos os ensinamentos valiosos para minha orientação profissional, e em especial a minha orientadora Elaine Melo de Brito Costa, pela confiança, orientação e paciência dedicada a este trabalho.

Enfim, a todos os outros familiares e amigos que aqui não citei, mas que representam importância na minha vida e no meu coração.

RESUMO

A dança tem sido objeto de estudo do grupo de Pesquisa e Extensão Corpo, Educação e Linguagens /CEL – DEF/UEPB, compreendendo-a como parte da trajetória do corpo nas suas vivências de lazer, arte, educação, religião, etc. O presente trabalho teve como objetivo principal apresentar trechos históricos da dança de salão em Campina Grande-PB, reconhecendo instituições que trataram e tratam a dança de salão na cidade, bem como nomes que se destacaram nessa trajetória do ensino da dança de salão na cidade de Campina Grande-PB. A pesquisa de natureza qualitativa, caracterizou-se como Pesquisa Documental, uma vez que, buscou documentos de fonte primária, entrevista caracterizada pelo registro oral e fotografias, provenientes de escolas e grupos de dança, ex-dançarinos, no município de Campina Grande-PB. O grupo investigado foi constituído por sete (07) participantes que exerceram e/ou exercem funções no âmbito da dança de salão na cidade de Campina Grande. O estudo identificou nomes importantes como: Euclides Alves, Gisele Sampaio, Mauro Araújo, Nyvea Soares, Daniel Oliveira, Rodrigo Araújo e Roberta Soares. Os momentos da história de vida destes nomes fazem parte da memória da dança de salão no estado da Paraíba que precisam ser reconhecidos diante de suas contribuições para o cenário da cultura local. O estudo traz como contribuições a memória da dança a partir de personalidades locais e instituições de ensino da dança de salão que marcaram e revelam-se na continuidade da história da dança de salão em Campina Grande – PB.

Palavras chave: Dança de Salão. Memórias. Educação.

ABSTRACT

Dance has been studied by the research group and Body Extension, Education and Languages / CEL - DEF / UEPB, understanding it as part of the body trajectory in their leisure experiences, art, education, religion, etc. This study aimed to present historical parts of ballroom dancing in Campina Grande-PB, recognizing institutions that worked and work with dance hall in the city, as well as names that stood out in this trajectory of ballroom dancing teaching in the city of Campina Grande-PB. The qualitative research was characterized as Documental Research since sought primary source documents, interviews characterized by oral and photographs record, from schools and dance groups, former dancers in the city of Campina Grande-PB. The group that was investigated consisted of seven (07) participants who previously worked or are working in the field of dance hall in the city of Campina Grande. The study identified important names such as Euclides Alves, Gisele Sampaio, Mauro Araújo, Nyvea Soares, Daniel Oliveira, Rodrigo Araújo and Roberta Soares. The moments of the life history of these names are part of the ballroom dancing memory in the state of Paraíba that needs to be recognized because of their contributions to the scenario of the local culture. This study brings contributions to the dance memory that come from local personalities and educational institutions of ballroom dancing that have marked and are showing the continuity of ballroom dancing history in Campina Grande - PB.

Key words: Ballroom dancing. Memories. Education.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 BLOCO DE CARNAVAL – CLUBE CAMPESTRE.....	26
IMAGEM 2. FORRÓ DO FUNGA-FUNGA NO CLUBE CAMPESTRE EM 1985.....	27
IMAGEM 3. MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA PRIMEIRA DIRETORIA DO CLUBE DOS CAÇADORES DE CAMPINA GRANDE.....	28
IMAGEM 4. BAILE REALIZADO NO CLUBE DOS CAÇADORES NO ANO DE 1974.....	29
IMAGEM 5. FECHINE E UMA DAS <i>MULATAS DO SARGENTELL</i>	30
IMAGEM 6. MAURO ARAÚJO E A CANTORA ELBA RAMALHO - SHOW DA CANTORA NO FESTIVAL DE INVERNO DE 2006.....	31
IMAGEM 7. RICARDO ADRIANO E NYVIA SOARES.....	32
IMAGEM 8. GISELE SAMPAIO – DOM 2015.....	33
IMAGEM 9. DANIEL ARAÚJO E ROBERTA SOARES – SAMBA DE GAFIEIRA.....	34
IMAGEM 10. RODRIGO ARAÚJO.....	35
IMAGEM 11. RODRIGO ARAÚJO E IRACY GOUVEIA.....	36
IMAGEM 12. EUCLIDES E ÁSSIMA TORRES.....	37
IMAGEM 13. ROBERTA SOARES E DANIEL ARAÚJO.....	38
IMAGEM 14. FOTO DO CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA SEGUNDA AMOSTRA DE DANÇA DA ACADEMIA FISIOFORMA.....	41
IMAGEM 15. ELENCO – SEGUNDA MOSTRA DA ACADEMIA FISIOFORMA.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA DANÇA DE SALÃO	14
2.2 CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM	18
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	21
4 INSTITUIÇÕES QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE-PB	24
4.1 INSTITUIÇÕES IMPORTANTES	24
4.2 NOMES DESTACADOS	31
4.3 CHEGADA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
LISTA DE ANEXOS	49

I - INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa intitulada '*A história da dança de salão em Campina Grande-PB*', financiada pelo PIBIC/CNPq, que por sua vez, integra o estudo ampliado intitulado '*Retratos e diálogos da história da dança em Campina Grande-PB*'. Tais pesquisas revelam os investimentos do Grupo de Pesquisa e Extensão Corpo, Educação e Linguagens /CEL – DEF/UEPB, especialmente nos estudos do corpo e da dança, com base nas ciências humanas e sociais.

A dança é compreendida, pelo estudo, como uma das linguagens do corpo reveladas por seus códigos e sinais expressados e comunicados pela sua gestualidade. Desta forma, a dança é um conhecimento do corpo que foi e é produzido na sua historicidade com o outro em diferentes tempos e espaços, cujo gesto pode falar sobre as mais diferentes situações e expressar vários sentidos para sua vivência: culto, educação, lazer, arte, trabalho, etc.

Dessa diversidade de expressões vividas pelo corpo surgiram as chamadas danças circulares, sagradas, danças de corte, de salão, dos negros, dos camponeses, da rua, do palco (COSTA, 2004). Este estudo focaliza sua discussão na dança de salão a partir da vivência desta dança, em escolas especializadas em dança, no campo não formal, na cidade de Campina Grande-PB.

Na construção da problemática de estudo, destaca-se uma das passagens temporais marcantes da história da dança de salão que foi a idade média e o renascimento, considerando que neste período firma-se a chamada dança de salão, bem como, marca o início da profissionalização da dança.

De acordo com Portinari (1989), a dança de salão origina-se de uma manifestação popular vivenciada pelos camponeses em suas aldeias de forma espontânea como forma de diversão e de convívio social. A dança foi levada para os salões da nobreza para a diversão aristocrática e o ensino dos bons modos de comportamento. Daí, a dança de salão ser também chamada de dança social: uma por representar os grandes salões da corte europeia e a outra por ter um cunho social, de lazer, respectivamente.

Com base em Bregolato (2000), foi no século XVII que surgiram a dança de pares enlaçados, que caracterizam hoje a dança de salão. Nesse mesmo período surgiu a valsa na corte austríaca, a primeira dança de salão, que ainda por forte influência da igreja católica foi considerada imoral e condenada por que os corpos dançavam em pares e se abraçavam.

Nesse contexto, Villari e Villari (1978), afirmam que a dança refletia (e ainda reflete) a herança cultural e os estilos de vida. As diferentes culturas criaram tradições e estilos diversificados. Segundo esses autores, as danças de corte, gradualmente adaptadas das danças

dos camponeses, atribuem regras de etiquetas dos palácios, ao modo de vida e aos valores, tornando-as suaves, elegantes e requintadas, havendo então, uma transformação de valores e intenção. Maia e Pereira (2014, p. 27) afirmam que: “as danças de salão descendem diretamente das modalidades populares, ao serem transferidas do chão de terra das aldeias para o chão de pedra dos castelos medievais”.

É a dança de salão que marca também a codificação dos movimentos, a dança de pares, a espetacularização e o início da prática de ensino da dança. A dança era praticada seguia um conjunto de regras determinadas pela nobreza no que se referia às regras de execução e a definição de formas de comportamento social quando tratada dentro dos salões dos palácios da corte: o homem quem retirava a dama para o salão conduzia os movimentos da dança e a acompanhava até o mesmo lugar.

Foi nesse rigor aristocrático com a forma padronizada e sistematizada para a execução da dança e o refinamento do comportamento, que os praticantes tinham que realizar aulas de dança, ou seja, a dança fazia parte da educação da corte por que a ela estava associada também ao aprendizado das normas de etiqueta e de comportamento. Foi no renascimento então, que se criou a figura do mestre de dança, designado pelos governantes da época, para ensinar formas adequadas de dançar no salão dos palácios.

Nessa concepção de Ried (2003), aborda que a dança traduzia status social determinando comportamentos e em virtude desta distinção precisa, surgiram formas refinadas e formalizadas da expressão dos padrões de comportamento prescritos pela sociedade (cortês ou popular) e, os primeiros professores de dança e etiqueta, cuja função era assegurar que os jovens nobres dominassem as formas refinadas de comportamento que lhes assegurassem aceitação no seu grupo social.

Personalidades e entidades marcaram, por exemplo, a escolarização da dança. A destacar, no apogeu do balé da corte, o rei Luís XIV criou instituições destinadas a promover e regulamentar as artes: Académie Royale de la Danse, em 1661, bem como Académie Royale de Musique, em 1669, que era dotada de uma escola de dança, posteriormente a Ópera de Paris, em 1672.

Embora tenha sido somente no século XVIII que a dança, especificamente o balé tenha chegado ao teatro e ao público, conforme Portinari (1989), o estudo percebe um desencadeamento para a prática de ensino e a escolarização da dança a partir das danças de salão, de corte.

Gomes (2012) trata que a década de 30 foi um tempo histórico para atividade profissional da dança de salão, principalmente em países da Europa, sendo comum o

aprendizado desde criança na escola ou extraclasse. As danças codificadas e apresentadas em manuais eram seguidas por professores. Os alunos que pensavam em ter a dança como profissão matriculavam-se em escolas de dança especializadas para serem formados.

Esse foi um dos segmentos que a dança assumiu no âmbito da história: o ensino e o trabalho em dança. Essas dimensões são cada dia, mais marcadas quando, por exemplo, na contemporaneidade, não só existem dançarinos, bailarinos que vivem da dança, como também, existem cursos de graduação em dança, a exemplo a UFBA, uma das universidades pioneiras desde a década de 50, e ainda o ensino da dança na educação básica.

O trabalho ora apresentado teve as seguintes *Questões de Estudo*: **1. Quais as instituições e personalidades que marcaram a vivência da dança de salão, no campo não formal, na cidade de Campina Grande-PB? 2. Qual(s) o(s) sentido(s) da vivência da dança de salão no cenário atual em Campina Grande-PB?**

O presente trabalho teve então, o objetivo de identificar instituições de ensino da dança de salão, no campo da educação, bem como, reconhecer nomes que se destacaram nessa trajetória do ensino da dança de salão na cidade de Campina Grande-PB.

O estudo traz como contribuições a memória da dança a partir de personalidades locais e instituições de ensino da dança de salão que marcaram e revelam-se na continuidade da história da dança de salão em Campina Grande – PB.

Trazendo o estudo contribuições a memória da dança a partir dessas personalidades e instituições, que se revelam na continuidade histórica da dança de salão em Campina Grande – PB.

Destaca-se ainda como relevância a divulgação do conhecimento artístico-cultural dessa cidade, resgatando assim, a identidade e o valor cultural, a vivência com a dança, pessoas e instituições importantes nesse processo histórico. Dessa forma, o estudo contribui para a produção do conhecimento em dança, cujo impacto é a possibilidade de tornar-se acervo bibliográfico, de caráter histórico, para os componentes curriculares das Escolas. A Educação Física, bem como, as Artes que tratam a dança no espaço escolar, pode utilizar-se deste estudo como conteúdo desencadeador do conhecimento da dança de salão a partir da história local.

Tendo como base nas pesquisas produzidas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão ‘Corpo, Educação e Linguagens’ – CEL, esse estudo também enfatiza a relevância desta dança no cenário da cultura local, por meio não somente das danças tradicionais, como forró, xote, samba, quadrilha - típicas da cultura nordestina, brasileira, mas também de outras, como bolero, valsa, tango, rumba que são vivenciadas nas escolas de dança de salão.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA DANÇA DE SALÃO

De acordo com a literatura, a dança é uma das práticas corporais mais antigas da humanidade. Portinari (1987) afirma que sua vivência tem sido discutida desde o homem primitivo, por meio de registro em gravuras desenhadas em paredes de cavernas e utensílios.

Sem a intenção de apresentar o percurso histórico da dança no ocidente, destacam-se trechos importantes da dança. A exemplo, a idade média, na primeira metade, foi um período forte da influência do cristianismo, a dança foi entendida como fonte de pecado, em função da expressão do corpo. Ela viveu momentos profanos e de celebração, passou a ser causa de desvirtuamento do sexo e da matéria, como trata Garaudy (1980).

As normas da igreja e da nobreza foram “quebradas”, pois nos campos, senzalas e cortiços, a dança permanecia viva por expressar uma crença e uma história de cada povo. Por isso a dança de negros e pobres desagradou tanto a nobreza a parte do cristianismo. Entretanto, a nobreza dos grandes feudos, como afirma Portinari (1989), também foi tomada pela dança. Essa arte dançante recriou a vida nos reinados. Através dela, os indivíduos forjaram o cumprimento da ordem de certos setores da igreja e da sociedade civil para revelar o seu desejo pelo outro, a necessidade de dançar consigo mesmo e com o outro.

Segundo Portinari (1989), foram designados à nobreza professores de dança, em que a supremacia dos aristocratas fez surgir o balé da corte. O espetáculo era restrito. Realizava-se somente para os pares da alta classe, a nobreza. O corpo masculino não representava apenas seus papéis específicos, como também os femininos, no período de Luís XIV. Numa leitura atual, o desejo de dançar levou a pensar a própria mutação do corpo para tornar-se dança. A monarquia construiu a profissionalização da dança.

A chamada dança social ou dança de salão surge no renascimento (séculos: final XIV / meados XVI), como forma de lazer, cujo espaço era os salões da nobreza e do povo em geral. A denominação social deve-se a sua prática por pessoas comuns, em festas confraternização, propiciando as mais diferentes formas de relações sociais. E a denominação salão por requerer, preferencialmente, salas amplas para as pessoas desenvolverem seus movimentos e ainda porque pela sua prática nos salões das cortes reais europeias (GOMES, 2012).

Ainda segundo a autora, a dança de salão foi valorizada e disseminada para as colônias da América, Ásia e África como divertimento popular entre diversos povos. No Brasil foi

trazida pelos Portugueses (séc. XVI), e posteriormente por outros imigrantes de países da Europa.

No século XVI a dança de salão chega ao Brasil trazido pelos colonizadores portugueses e imigrantes europeus. Onde sofreu fortes influências culturais indígenas e africanas, passando a dança de salão por um processo de inovação e modificação, fazendo surgir novas danças, tipicamente brasileiras.

Essas influências culturais trazidas pelos portugueses e imigrantes, segundo Araújo (2014), trouxe para o Brasil fortes modificações dançantes, a partir da mistura cultural indígena, africana e portuguesa, dentro de uma modificação e inovação das danças europeias, o que fez surgir novas danças caracterizadas como as “danças típicas de nosso País”.

De acordo com Melo (2014), por volta do ano de 1850 os bailes de dança de salão já eram frequentes na cidade do Rio de Janeiro, e em torno de um discurso de processo de modernização de carácter civilizado, a cidade torna-se foco irradiador de novas modas e costumes sofrendo forte influência dos países europeus. Desse modo, a dança de salão sofreu alterações quanto ao que se compreende como a mesma, sendo praticada com vários objetivos, sendo vivenciada em diferentes perspectivas: artístico-cultural, lúdica, lazer, dentre outras.

Apesar do nome, a dança de salão é dançada em diversos locais fora dos “Salões”, ressaltando que desde época em que foi criada, ao mesmo tempo em que a Corte dançava nos salões e bailes de confraternização, os camponeses também a faziam em suas festas, bailes de rua, e assim por diante.

A sistematização de uma maneira específica de se dançar a dois, deu origem aquilo que hoje se entende como Dança de Salão, sendo praticada com objetivos claros de socialização e de diversão. O termo “salão” é utilizado pela necessidade de salas grandes para realizar as evoluções das danças e festas de confraternização dançante. (PERNA *Apud* LOREGIAN, 2011, p. 14)

Segundo Faro (1986), a evolução da dança seguiu um trajeto determinado: a aldeia, a igreja, a praça, o salão e o palco. Assim foram se originando as diferentes manifestações de dança, como as danças folclóricas, as clássicas, as danças populares, as sociais e, também, a dança de salão.

A dança de salão de hoje, segundo Ried (2003), é o resultado de décadas ou até centenas de anos de evolução, retratando e adaptando-se às necessidades e características típicas de cada sociedade e época desde a Idade Média até o século XXI.

Como exemplo dessas adaptações e características típicas, podemos citar as vestimentas, os salões, a organização e surgimento de bailes em datas comemorativas onde a dança de salão se tornava cada vez mais presente, a dança de salão sendo dançada nos salões da corte e tratada por muito tempo como uma dança especificadamente da classe alta e a marcante condução do homem.

Para Portinari (1989, p.268), as danças de salão “nada mais seriam do que, a forma civilizada de simbolizar o ato sexual, descendendo de todas as manifestações rústicas”, expressando uma conduta ativa e simbólica do homem em convidar e conduzir a mulher no ato de dançar a dois dentro de uma perspectiva, que, porém, possuem outras simbologias e significados que ultrapassam esses sentidos do ato de se dançar a dois.

Nanni (2005), afirma que a percepção é o nosso modo de perceber a imagem do corpo que é construída pela nossa experiência associada à personalidade do ser. É esta imagem repleta de atitudes emocionais, que para se manifestar, depende de canais de aberturas do nosso corpo. Cita que como, por exemplo, a sensualidade na dança, desempenhada pelo papel preponderante de correntes eróticas viabilizadas por esses canais.

No adulto, a consciência da imagem do corpo seria mascarada ou castrada por conflitos de valores éticos, étnicos, sociais, morais, etc., expressos pelos binômios: emoção x razão; sensualidade x comedimento, liberação x repressão - que tolhem esses canais de aberturas.

Segundo CARVALHO (2008) o universo da dança de salão é permeado em grande parte por comportamentos e pensamentos que reduzem essas relações a uma visão unilateral em que compete ao homem a maestria do conduzir e a uma mulher apenas a função de ser conduzida. Essa ideia, proveniente da época em que surgiram as danças de salão, nas cortes reais [...], é ainda difundida em muitos espaços em que essa dança é ensinada e praticada o que remete aos preceitos comportamentais e atitudinais de um verdadeiro “cavalheiro”.

Como vimos até agora, cada local, cada região, transforma a dança de Salão conforme sua cultura, de acordo com suas necessidades e vivências. E num país como o Brasil, com diferentes influências culturais fortíssimas, a mescla foi grande no processo de readaptação de algumas danças Europeias, e surgimento dessas novas danças.

As danças de salão europeias ao chegarem no Brasil sofreram influências locais conforme Gomes (2012). Tal contexto pode também ser destacado na contemporaneidade com as danças que surgem de fusões com outras danças existentes a partir de diferentes origens e culturas. Tais danças, que além dos próprios estilos de dança específicos de salão (que já são

fusões), ainda tem a mistura de estilos de danças de salão que surgiram a partir de outros estilos dançantes.

Existe atualmente a mistura de estilos específicos de dança de salão, com outros estilos do mesmo, e com outras vertentes de dança, como exemplo: a Kizomba com Samba, Zouk, Salsa e danças urbanas, Forró com Salsa, Mambo com Reggaeton, dentre várias outras fusões existentes. Acompanhando a dança de salão esses processos de mudança, incorporando o processo de esportivização e de performance. Nesse sentido, a pesquisa aponta a necessidade de estudos mais aprofundados que tratem sobre as fusões na dança, considerando que o surgimento de uma “nova” dança não se restringe a junção de partes de movimentos de outras danças, e se assim for, como reconhecer seus sentidos e significados no campo sócio-histórico, político, artístico, cultural e educativo?

As danças de salão com regras próprias de competições, que desde o século XX, vem variando os sentidos destas danças, vão se disseminando pelas casas de show, teatros, clubes, programas televisivos, filmes, festivais, redes sociais e internet, como exemplo, facebook e youtube. Mesmo assim, ainda existe uma busca mais intensiva para as danças de salão quando veiculadas pela mídia: em novelas, programas de auditório, bem como, em períodos de carnaval e junino.

Como citado anteriormente, uma característica marcante da dança de salão que permanece e é reconhecida até hoje, é a dança a dois, de par: a dama e o cavalheiro, o homem e a mulher. Porém, em algumas destas apresentações no programa do Faustão, apresentadas na Dança dos Famosos, são desenvolvidas coreografias por participantes em que apresentam vários estilos de dança e ritmos (funk, dança de rua, axé e sertanejo universitário) e que não necessariamente são caracterizadas como dança de salão, mesmo sendo dançadas a dois.

De acordo com Faro (1986, p. 30), é possível resumir a trajetória da dança ao longo dos séculos: “ao dividirmos a dança basicamente em três etapas, ou seja, ética, folclórica e teatral, deixamos propositalmente um quarto elo entre o segundo e o terceiro: a dança de salão”. Dentre inúmeros professores de dança de salão no Brasil existentes, alguns se destacaram como parte de um papel fundamental: a difusão dessa arte. Contribuindo em grande escala para a formação docente: Maria Antonieta, Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus, que contribuíram largamente na formação de tantos profissionais atuantes no País.

2.2 CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM

A linguagem corporal é inerente a cada ser humano e ela se revela como forma de expressão através de movimentos que podemos considerar dança, expressando sentimentos, desejos, sensações apropriando-se dos movimentos mais intrínsecos aos mais amplos tornando o corpo o próprio espaço cênico dessa dança, quer espontânea quer performática (ARAÚJO, 2014).

Segundo Gallahue e Donnelly (2008), a dança e seus repertórios podem representar, muitas vezes, experiências já vividas ou novas, graças ao poder criativo estimulado pelo próprio conjunto de movimentos corporais que ela promove, utilizando seu corpo como meio de comunicação e auto expressão.

Para Manser (1990) *apud* Matthiesen (2008, p. 131), “há vários tipos de linguagem, dentre os quais a linguagem corporal, que consiste em códigos e expressões usadas por determinados grupos em certas situações”. A citação de Manser nos afirma mais uma vez a diversidade existente de linguagens, mostrando a força da linguagem corporal em expressar-se em grupo, onde se utilizam através do corpo de códigos, sinais e expressões, utilizadas por grupos de pessoas em variadas situações do cotidiano.

Seguindo a concepção de Costa (2004), o corpo é sujeito, logo ele é autor e, ao mesmo tempo, espaço de manifestação da dança. O corpo é autor porque é ele quem escreve, em si mesmo, o texto coreográfico. O corpo é autor e espaço da dança, ou seja, é o corpo quem permite a sua existência.

O corpo é espaço cênico porque é nele que a cena da dança acontece. A cena do texto coreográfico somente torna-se presente e existente com a autoria do corpo e no corpo. Ele assim é compreendido por ser primeira pessoa do singular, presença, experiência, tempo e espaço.

LAROSSA (2014) fala que a linguagem do corpo e o corpo da linguagem são, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos de educação. Também embora, em circunstâncias especiais, possam ser considerados meios, o corpo e a linguagem, em sua origem e natureza, não o são.

A dança de salão é, portanto uma linguagem que versa sobre educação, cultura, comportamentos, etc., pois a capacidade do corpo em expressa-la pode revelar seus sentidos na sociedade, na cultura. Possivelmente desenvolvesse uma conversa entre parceiros dançantes, autores da escrita corporal, ao mesmo tempo sujeito delas, como também dos autores para o público e assim sucessivamente. Como cita Porpino (2006), pensar a dança é

pensar nos momentos em que a comunicação escrita ou falada não foi suficiente para expressar as angústias, aflições, alegrias ou desejo de poetizar.

A partir do pensamento de Paviani (2001), a educação não tem assumido o corpo como um modo de dizer, cuja linguagem requer diversas habilidades de leitura. Podendo o corpo expressar-se de forma silenciosa, contida, sentida, sofrida, resignada, como pode manifestar-se de forma efusiva, escancarada, expansiva, alegre ou triste, exaltada. E reforça: “Cabe à educação, especialmente hoje, devolver ao corpo e à linguagem a exata medida da expressão, da comunicação”. (2001 p. 4)

Segundo Geertz (1989), a linguagem possui múltiplo significado que varia culturalmente segundo relações presentes na educação e na percepção das imagens. Sendo assim a dança de salão como linguagem, tem pose de grande sentido no que se refere a educação, cultura, pluralidade. Como cita Matthiesen (2008, p 132) “... não basta falar a língua de outra cultura para estarmos inseridos nela; o significado das palavras muitas vezes não reflete a análise e nem a interpretação de sua cultura.”

Não bastando assim, um conhecimento flutuante sobre uma cultura para ser considerado realmente parte dela, pois cada cultura carrega uma pluralidade imensa, seja em relação à dança, música, vestimenta, dentre muitos outros fatores.

Como vimos no tópico acima, por volta século XVI, a dança de salão chegou ao Brasil trazido pelos colonizadores portugueses e imigrantes europeus, onde sofreu fortes influências culturais indígenas e africanas, passando assim a dança de salão, por um processo de inovação e modificação, o que deu origem a novas danças, tipicamente brasileiras, com suas características específicas.

Maia e Pereira (2014) defendem que o poder criativo deixa os protagonistas da dança em total liberdade de pensamento, de aquisição de novos movimentos dançantes e de modificação de situações que esses mesmos oportunizam e que negar a dança de salão como uma prática educativa é negar a necessidade de ampliar os conteúdos da educação, principalmente no âmbito da Educação Física.

O trabalho de conclusão de curso de Araújo (2014), trouxe para o debate o ensino da dança de salão no campo não-formal. O estudo trouxe como objetivo apresentar e discutir apontamentos pedagógicos que pudessem nortear a prática do professor de dança de salão na educação não-formal.

Para compreender o que é educação e como se dá tal ensino nesses projetos é necessário o entender onde se dá esse ensino e seu foco. O termo “educação” tem origem no

verbo latino *educare*, que significa alimentar, criar. Ou ainda: fazer sair, conduzir para fora, no sentido de estimulação, liberação de forças latentes.

No contexto da Educação física, a dança de salão, por um lado, constituem uma dinâmica de vivências de valores históricos, sócio-culturais e políticos necessários ao desenvolvimento humano. Por outro lado, possibilita a aquisição de novos valores, contribuindo para uma educação geral consistente.

Segundo Araújo (2014), o ensino da dança se dá em diferentes espaços como nas escolas da educação básica (educação formal), bem como, em clubes, comunidades de bairro, academias de ginástica e escolas específicas de dança (educação não-formal).

Pesquisadores da área da educação relatam ações no campo da educação não-formal há tempo se desenvolve no Brasil, sem, no entanto, denominá-las com essa terminologia, usando, muitas vezes, termos como: educação alternativa, educação complementar, jornada ampliada, educação fora da escola, projetos sócio-educativos, contra-turno escolar, segundo horários e outro.

Para compreendermos essas terminologias é importante destacarmos as especificidades de cada tipo de educação: formal e não formal. Afonso (1989) trata a educação formal como um tipo de educação organizada com uma determinada sequência sendo esta proporcionada pelas escolas, enquanto que a educação não formal, embora obedeça também a uma estrutura e uma organização (distintas, porém, das escolas) e que possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e ainda à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo.

Podem ser atribuídos diferentes sentidos a vivência da dança de salão: profissão, terapia, lazer, saúde, educação, dentre outros. Em cada um deles percebe-se a necessidade de dançar com o outro, onde o corpo através da dança tem a possibilidade de expressar-se e comunicar algo. Nessa intersubjetividade que a dança de salão propicia, está presente à comunicação, a sociabilização, o bem-estar, a educação cultural, a formação artística, os valores morais e éticos.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracterizou-se como Pesquisa Documental, uma vez que, buscou documentos de fonte primária e não-escritas, provenientes de diretores e fundadores de escolas de dança de salão, professores de dança de salão, (ex)coreógrafos, agentes culturais, no município de Campina Grande-PB.

O estudo recorreu à técnica da história oral para produzir os dados. De acordo com Haguette (1992), essa técnica baseia-se no depoimento oral, gravado, obtido por meio de interação entre o pesquisador e o sujeito entrevistado. Segundo Morais (1994): “a fonte oral é uma fonte viva, é uma fonte inacabada, que nunca será exaurida” (p. 47).

O Facebook e Youtube foram recursos importantes na busca pelos entrevistados e na obtenção de imagens, considerando que a maioria dos participantes não possuía registros de acervo pessoal da sua trajetória com a dança, bem como, tornou mais acessível alguns nomes participantes da pesquisa.

O grupo investigado foi constituído por sete (07) participantes, dentre eles: proprietários/professores de escolas de dança, dançarinos e/ou ex-dançarinos, coreógrafos e ex-coreógrafos, agentes culturais, que participaram e ainda atua no campo da dança, especialmente a de salão, na cidade de Campina Grande. Além, de uma (01) pessoa da comunidade que relatou sobre a dança nos clubes da cidade. A participação destas pessoas revelou a memória das escolas de dança de salão e as personalidades que se destacaram nesta trajetória da dança na cidade.

O instrumento utilizado foi a entrevista semi-estrutura, gravada, e caracterizou-se pelo registro oral, na qual estabeleceu previamente algumas indagações sobre a temática abordada, porém no decorrer da entrevista, permitindo ao pesquisador elaborar outras indagações (inclusive de esclarecimentos) a partir de alguma informação dada pelo entrevistado, sendo assim outras questões sobre a dança puderam surgir no ato da entrevista.

A coleta de dados teve início com um levantamento junto ao Teatro Municipal Severino Cabral sobre a dança de salão. Na falta de registros, o estudo recorreu aos diretores/coordenadores de escolas de dança de salão, em Campina Grande-PB no intuito de mapear a trajetória da dança de salão começando pela dimensão de ensino no campo da educação não-formal. Em seguida, a partir destes diretores/professores ou proprietários de escolas de dança, o estudo foi identificando pessoas reconhecidas no cenário local e os agendamentos para entrevista realizados. Foram estabelecidas estratégias que melhor

viabilizaram esse procedimento como, mapear pessoas, escolas e grupos de dança precursores.

Identificados os participantes iniciais, outros foram mencionados durante as entrevistas realizadas pela pesquisa, buscou-se então a sua autorização para utilizar e divulgar a história oral como dados da pesquisa. Uma das dificuldades do estudo foi à obtenção de documentos como fotografias, certificados, diários de campo, dentre outros, que tratam a memórias das instituições de ensino da dança de salão. O estudo ora apresentado fez inúmeras tentativas de obter os registros particulares de seus participantes, tendo obtido retorno apenas de alguns deles.

A entrevista semi-estruturada foi registrada das seguintes formas: com o auxílio de aplicativos de gravação de dois (02) celulares. Foi realizada, prevalecendo o dia e o horário convenientes ao entrevistado. Foram realizadas sete (07) entrevistas, de forma presencial. De forma intencional, considerando e reconhecendo previamente o trabalho de alguns profissionais da área, e pessoas que vivenciaram a dança de salão na cidade. O estudo partiu inicialmente ao encontro de Mauro Araújo, Jefferson Xavier e Gisele Sampaio, citados a partir da busca por informações sobre a dança de salão no Teatro Municipal Severino Cabral, páginas e grupos no *Facebook*, e *WhatsApp*.

Nessa busca foi encontrado um grupo no Whatsapp chamado “Promovendo a dança de salão em Campina Grande”, e ao fazer perguntas sobre a dança de salão, surgiram esses primeiros nomes relevantes citados por Nyvea Soares, ex-praticante da dança de salão, que logo após as entrevistas, também veio a ser citada como participante da inserção do estilo na cidade. Posteriormente, identificados Roberta Soares, Daniel Araújo, Euclides Alves e Rodrigo Araújo, que logo após esse mapeamento e identificação também foram entrevistados.

Após a identificação e a recorrência de citação dos mesmos nomes pelos entrevistados e instituições de dança, o estudo cessou as entrevistas, porém, os dados apontavam uma trajetória da dança de salão na vertente do ensino não-formal. Faltava para os pesquisadores, o cotidiano da dança de salão na sua essência lúdica e de lazer. Nesse sentido, de forma exploratória, fez um levantamento sobre os espaços/equipamentos de lazer onde a dança estava presente e quais os sentidos e significados da mesma em Campina Grande até por volta da década de 70.

Nessa fase, de forma intencional, considerando a vivência e participação em eventos em clubes da cidade, o estudo identificou Maria das Dores Nóbrega de Andrade Melo, pedagoga formada desde 1977, e solicitou a ela que indicasse nomes que viveram tempos áureos dos clubes e que possivelmente tivessem registros de fotos, reportagens, etc.

O estudo então, o estudo reconheceu que Maria das Dores de Andrade seria a participante que poderia contribuir com relatos sobre a dança de salão nos clubes da cidade. A participante disponibilizou à pesquisa mais de quinze (15) nomes de pessoas que frequentavam festas e bailes nos clubes de Campina Grande. Um outro nome que foi identificado, mas não foi entrevistado, porém contribuiu significativamente, foi Antônio Hamilton Fachine, ex-diretor do Campinense Clube, dado o acervo de seus registros imagéticos que possui em seu ambiente de trabalho, localizado no centro de Campina Grande-PB.

A partir do levantamento de dados, os participantes relataram a sua história com a dança de salão e cederam material imagético, arquivos públicos ou particulares para que essa história fosse contada a partir de cada experiência. Nem todos os entrevistados contribuíram com imagens de seu arquivo pessoal, o que resultou em uma busca para introdução de documentos na pesquisa os arquivos públicos, através da internet e suas redes sociais, autorizadas pelos mesmos.

O método de análise de conteúdo, fundamentado em Bardin (2007), subsidiou a análise e interpretação dos dados, considerando a seguinte organização:

1º - a pré-análise, foi caracterizada pela leitura preliminar, chamada de flutuante, dos discursos dos participantes da pesquisa, bem como, dos documentos recolhidos e autorizados para reprodução;

2º - a exploração do material, que consistiu na busca de unidades de sentido para as categorias previamente estabelecidas: trechos da trajetória da dança, nomes, instituições e momentos importantes, e também categorias emergentes dos documentos e dos discursos dos sujeitos (obtidos na entrevista e fotografias).

3º - o tratamento dos resultados obtidos e interpretação; que se configuraram no diálogo entre os dados obtidos, os autores que deram o aporte teórico e o olhar interpretativo do pesquisador.

As categorias centrais que se buscou reconhecer na história oral foram: *o nome da instituição, a temporalidade do surgimento, as motivações para a sua criação, as pessoas e os objetivos das escolas de dança de salão na atualidade.*

A pesquisa foi desenvolvida considerando os aspectos éticos, tendo como base a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS no que se refere à obtenção e trato dos discursos dos sujeitos que participaram da pesquisa, ressaltando o conhecimento sobre a pesquisa, bem como a necessidade de sua autorização para utilizar os documentos e os discursos.

4 INSTITUIÇÕES QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE-PB

4.1 INSTITUIÇÕES IMPORTANTES

As estratégias de circulação e de permanência de informação permitem que muitas ideias e conhecimentos possam ser disseminados pelo mundo afora possibilitando a interação com vários ambientes de uma localidade, assim como, atingindo certos espaços mais globais. Num diálogo sobre os registros históricos, fala que eles podem “ser inseridos na memória da Dança brasileira, e/ou mundial, para que os pesquisadores da área ou um interessado por esta expressão artística possam compreender um pouco mais sobre as diversas trajetórias as quais a Dança pôde caminhar no país” (Silva, 2012, p.21)

Como afirma o mesmo, para alguns estudiosos da dança, a história das práticas de danças no Brasil parece ter ficado no esquecimento histórico e que grande parte da história dos eventos de dança ainda precisa ser escrita. Tornando a pesquisa relevante por essas possíveis contribuições na construção e produção de conhecimento sobre as memórias da dança em campina Grande, sendo especialmente neste estudo através da dança de salão.

Nessa perspectiva, a cidade de Campina Grande tem um grande público para a dança, visto que existem bastantes escolas de danças que oferecem vários estilos de dança, e podemos perceber que na cidade ocorre um movimento para manter as manifestações em dança vivas por meio de festivais, eventos, espetáculos e concursos de dança.

CLUBE YPIRANGA

Segundo o blog *Retalhos Históricos de Campina grande*, que tem como autores Adriano Araújo e Emmanuel Sousa, o Clube Ypiranga foi fundado em 1926. O clube já teve outros locais como sede, mas a que se perpetuou para a história campinense, foi à definitiva, localizada na Avenida Canal. Lá eram realizados festas e bailes, como também se destacava no futebol. O clube é lembrado com um espaço pra boemia de Campina Grande. Para a memória da cidade e das manifestações de lazer, a dança (fórró) tinha prioridade. O clube é uma das mais famosas lembranças culturais da cidade.

Um fato importante citado por Maria das Dores Nóbrega é que o clube Ypiranga era um clube frequentado por pessoas da raça negra. Afirma a participante: “o Clube Ypiranga, funcionava na Major Juvino do Ó, e depois foi para o Alto Branco [instante de silêncio], era

mais um clube para pessoas negras. Havia essa discriminação. Era um clube dos negros, os brancos que entravam lá era de penetra (risos).” Ressaltou ainda que havia uma diferença sócio-econômica entre as pessoas que frequentavam o Ypiranga e os clubes Campestre e dos Caçadores.

O discurso da participante destaca a segregação de pessoas e espaços/equipamentos de lazer, onde se revelam questões raciais e sócio-econômicas. A dança, especificamente o forró, era o ritmo que mais embalava os casais no clube Ypiranga. De acordo com Cascudo (2001), baseando-se na obra de 'Os sons que vêm da rua' de José Ramos Tinhorão, aponta o surgimento do forró como um dos fenômenos culturais urbanos que articula a presença da música e da dança em prol da diversão das camadas sociais mais humildes, que se instalavam na periferia das cidades.

CLUBE CAMPESTRE

De acordo com o site *Campestre CG*, o Clube Campestre de Campina Grande foi fundado em 23 de março de 1959, e hoje, através de uma nova gestão administrativa, é um dos mais modernos complexos de lazer do Nordeste. São 75 mil metros quadrados de área, situados num dos bairros nobres da cidade e com uma localização privilegiada, proporcionando aos associados momentos de lazer, descontração e incentivo a prática de esportes.

O Clube Campestre sempre foi um clube da elite: “era conhecido como clube dos médicos e hoje ainda é, só com uma diferença se tornou mais popular, lá sempre existiram bailes, shows inclusive comemoramos o aniversário de 10 anos da casa de Dança La Barca no Campestre e hoje é o único clube que restou dos velhos tempos”(Euclides Alves – Participante do estudo).

Maria das Dores Nóbrega também afirma que o Clube Campestre era frequentado pela alta sociedade campinense. Nele aconteciam festas comemorativas, dentre elas aniversários, casamentos, formaturas, bailes, etc.

Foto 1. Bloco de Carnaval – Clube Campestre



Fonte: Arquivo pessoal de Fechine¹

A imagem 1 destaca a elegância de mulheres e suas fantasias carnavalescas confeccionadas para a festa, onde os bailes de carnaval era momento de lazer e de encontro com seus pares sociais. A socialização promovida pela nobreza e o povo em geral era permeada com danças que davam o caráter da diversão, da comemoração de datas e períodos festivos e do encontro com o outro.

Imagem 2. Forró do Funga-Funga no Clube Campestre em 1985

**FORRÓ DO
"FUNGA FUNGA"
É NO
CLUBE CAMPESTRE**

DIAS: 22, 23, 28 e 29 (a partir das 22 horas) 30 (matinée)
Orquestra de Ogirio Cavalcante e Diomedes paravocêfungã até o sol raiã.

Compre sua mesa, restam poucas...

Sócios e dependentes entram de graça, é só apresentar as novas carteiras e o Tick referente ao mês de maio.

Se você não é sócio, compre uma mesa por Cr\$ 700.000, a qual lhe dará direito a entrar com 04 pessoas para os quatro bailes.

Se você vai só, paga um individual de Cr\$ 80.000 para homem e Cr\$ 40.000 para mulher.

Filhos de sócio com mais de 18 anos, procurem a Secretaria do Clube a fim de receberem uma autorização individual para ingresso ao Clube.

**RESERVAS DE MESA
- Fone 321.2675**

Fonte: Arquivo pessoal de Fechine

¹ Antônio Hamilton Fechine, foi diretor do departamento social e cultural do Campinense Clube, e realizador de diversos eventos em Campina Grande.

CLUBE DOS CAÇADORES

O Clube dos Caçadores localizado na entrada de Campina Grande (saindo de João Pessoa) é um dos clubes sociais mais tradicionais de Campina Grande.

Segundo Adriano Araújo e Emmanuel Sousa, criadores do blog *Retalhos Históricos de Campina Grande*, a Associação surgiu de um grupo de caçadores que tinham como hobby a caça, permitido à época e que era em sua grande maioria, praticada pela elite de Campina Grande e cidades circunvizinhas. Uma das colaboradoras do Blog, a professora Soahd Arruda Rached Farias cedeu algumas fotos históricas ao Blog que retratam um pouco deste começo do clube. De acordo com o blog, o clube atualmente encontra-se um pouco abandonado e tenta resgatar as glórias de um passado de sucesso.

O Clube dos Caçadores era, assim como outros, frequentado pela alta sociedade campinense da época. Era um lugar de encontro de pessoas, como ilustra a imagem 4, que objetivavam rever amigos para conversar, como também funcionava como um local para realização de festas comemorativas, como formaturas e carnavais.

Imagem 3. Memória institucional da primeira diretoria do Clube dos Caçadores de Campina Grande.



Fonte. Blog Retalhos históricos de Campina Grande. Publicada em 2011.

Imagem 4. Baile realizado no Clube dos Caçadores no ano de 1974.



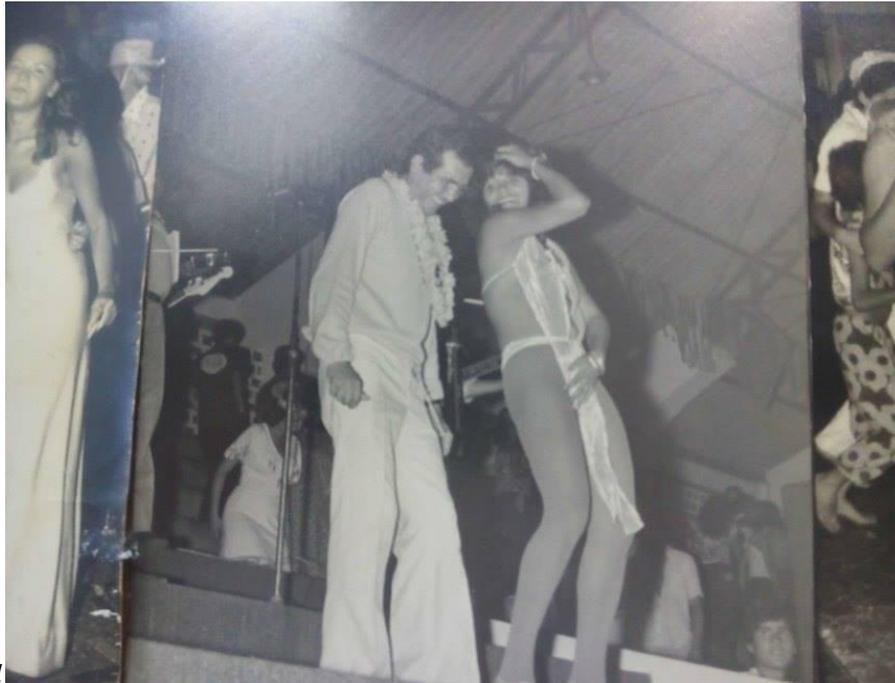
Fonte: Wellington Medeiros

CAMPINENSE CLUBE

Segundo os entrevistados Euclides Alves e Maria das Dores Nóbrega, existiram muitos clubes onde aconteciam práticas de dança. O Campinense Clube foi um deles. Neste local também aconteciam festas de formatura, festas de carnavais, encontros dançantes, shows e apresentações, como podemos observar na imagem 5. De acordo com a participante do estudo, o clube era frequentado por pessoas de relevante condição social e financeira.

Na foto está Fechine, numa apresentação das *Mulatas do Sargentelli* no Campinense Clube. Tais mulatas marcaram a década de 70 que faziam apresentações de samba.

Imagem. 5 Fechine e uma das *Mulatas do Sargentelli*



Fonte: Arquivo pessoal de Fechine

Percebe-se nos discursos dos participantes que os salões da maioria dos clubes de Campina Grande, era de uso daqueles que tinham melhores condições sócio-econômicas, assim como, o que nos remete a uma semelhança à prática da dança mais elitizada dos salões da aristocracia no século XVII. Os clubes de lazer da cidade de Campina Grande, citados pelo estudo, expressam a prática social das danças de salão realizada por pessoas de diferentes classes sociais. As festas de confraternização, bailes temáticos, carnavais, casamentos, dentre outros eventos apontam os diferentes sentidos e significados sociais da dança.

CASA DE DANÇA LA BARCA

Segundo o Entrevistado Euclides Alves, a música intitulada La Barca, serviu de inspiração para que, ele, em março de 1997, criasse um espaço destinado à Dança de Salão em Campina Grande. Considerada a escola pioneira, a Casa de Dança La Barca surgiu segundo o mesmo como fruto do desejo de proporcionar aos cidadãos um ambiente acolhedor, no qual a dança de salão seria trabalhada como uma atividade física que desenvolvesse e aprimorasse as habilidades e características sensoriais, intelectuais, emocionais e afetivas, sensibilizando pela apreciação do belo, do estético e do moral, por ser uma arte conceitual.

Para o participante, a escola de dança abre espaço para outras modalidades de dança como a Dança do Ventre, o Street Dance, Ritmos Latinos, Kizomba e Zumba. Para ele, tais danças vieram multiplicar a força e o anseio de difundir cada vez mais, sendo esse projeto uma forma de colocar a dança como “saúde e harmonia a cada passo”.

O discurso do participante possui uma vertente de mercado a qual as escolas de dança assim como as academias de ginástica acabam rendendo-se aos apelos das danças que estão nas vitrines da mídia ou da área fitness. É o caso da zumba (que não é uma modalidade de dança) e da kizomba. A dança acaba tornando-se um produto temporal das escolas de dança que prestam o serviço para atender e manter seus alunos na escola. Essa temporalidade e busca das danças de salão, como o forró e o samba, além do frevo também aumentam a procura em períodos juninos e de carnavais.

ESCOLA DE DANÇA DO TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL

A Escola de Dança do Teatro Municipal Severino Cabral foi criada na década de 1990, pelo então gestor Gilmar Albuquerque e pela coreógrafa e professora Cláudia Saboya. Segundo o atual diretor do Teatro Erasmo Rafael Costa, a Escola de Dança do Teatro Municipal passou por alterações na sua formatação. Hoje recebe o nome de Escola de Dança do Teatro Municipal, onde a partir do ano de 2014 começou a oferecer aulas de dança de salão. Em maio de 2004 iniciou-se no Teatro um projeto de doação de bolsas para alunos da rede pública, intitulado “*Projeto Dança Cidadã*”. Atualmente o espaço funciona com um projeto de incubadora de novos negócios em Arte Educação em que professores e novos empreendedores enviam projetos para a coordenação e direção geral para serem avaliados.

É visível a recente inserção da dança de salão no espaço mais emblemático da dança, como o teatro. Historicamente, as danças acadêmicas como o balé clássico possuem cadeira cativa nesse equipamento cultural de lazer. O que estudo aponta é que a oferta do ensino das danças de salão também, ao que parece, foi para atender a uma demanda típica da cidade que busca tais estilos.

NÚCLEO DE DANÇA PASSO A PASSO

O referido espaço de ensino da dança foi citado pela maioria dos entrevistados. O Núcleo de Dança Passo a Passo surgiu de um projeto, de acordo com Roberta Soares, de amigos e de amor em comum pela dança. Foi assim que entre os anos de 2003 e 2004, Daniel

Oliveira, Danielly Inô e Roberta Soares, que já haviam trabalhado juntos com dança em experiências anteriores, decidiram desenvolver um projeto independente e passaram a coreografar e se apresentar em eventos culturais na cidade de Campina Grande-PB.

De acordo com a participante do estudo, eles foram apoiados pelo amigo Mauro Araújo (coreógrafo e dançarino), que ensaiavam em um espaço cedido pelo Teatro Municipal Severino Cabral. Durante esse período, os três amigos dedicaram-se a aprofundar seus estudos em dança, buscando ter aulas com profissionais reconhecidos na área. Afirmou ainda que ela e Danielly atuavam apenas como dançarinas, porém Daniel Oliveira permanecia na condição de professor que, por sua vez, ministrava aulas particulares de dança de salão para Josélia Soares na residência dela (que, por vezes, também servia de espaço de ensaio para os três).

O Núcleo de Dança Passo a Passo abriu suas portas, em junho de 2004, oferecendo aulas de Dança de Salão e tendo como professores Daniel Araújo, Danielly Inô e Roberta Soares.

O ensino da dança, assim como o do esporte, ainda está fortemente ligado ao domínio da técnica, do estilo ou modalidade do que propriamente as relações com a formação profissional específica, ou seja, muitas vezes aquele que foi dançarino, bailarino ou atleta ocupam funções de ensino na condição de professor. Embora esse ponto esteja voltado à formação profissional, o estudo reconhece que tal contexto discutido não foi e não é uma prática cotidiana somente vivida por este núcleo de dança, considerando que ainda hoje percebe-se que a experiência anterior, de domínio técnico da dança é a exigência para o ensino da dança. Por outro lado, o discurso da participante mostra também a busca destes amigos para vivenciar a dança no campo da linguagem artística, considerando a escassez de espaço para abrigar o desejo de fazer a dança existir em seus corpos.

4.2 NOMES DESTACADOS

Os nomes que surgiram e ouvidos pelo presente estudo reconhece e compreende os devidos participantes da pesquisa como personalidades importantes para o cenário da dança em Campina Grande. Os nomes mais recorrentes durante a entrevista revelam a relevância destes para inserção da dança de salão na cidade, tendo eles exercidos e ainda exercem trabalhos significativos com a dança de salão.

Deste modo, no sentido de valorizar a memória cultural da cidade de Campina Grande a partir da identificação de nomes e instituições importantes e registros imagéticos que foram cedidos, mostra-se que no município existiu e ainda existem pessoas com interesse

pela dança, sendo essas pessoas grandes incentivadoras da dança na cidade de Campina Grande, muitas que ainda atraem e disseminam a dança de salão para inúmeras pessoas.

MAURO ARAÚJO

Segundo a maioria dos entrevistados, o coreógrafo e bailarino Mauro Araújo, primeiro entrevistado pela pesquisa, foi e é importante no cenário da dança de salão da cidade de Campina Grande, pelos seus trabalhos como bailarino, coreógrafo e professor de dança de salão e dança popular.

Mauro atua no campo da dança há mais de 30 anos, e relata na entrevista que seu despertar para dança se deu aos 5 anos de idade através de festas familiares, onde ele podia observar e copiar os passos executados pelos adultos. Mais adiante, com seus estudos, percebeu que tais danças se referiam às danças de salão, em seus estilos específicos: Bolero, Soltinho e Forró.

Em sua trajetória profissional, o participante destaca que trabalhou com dança popular, dança de salão e foi um dos fundadores do *Grupo de Danças Populares Tropeiros da Borborema*. Acrescenta ainda que atuou durante 6 meses como coreógrafo e bailarino da cantora Elba Ramalho, no Rio de Janeiro. Participou também da Companhia de Carlinhos de Jesus, foi dançarino das Bandas Magníficos, Capilé e Mastruz com Leite, e dos cantores Nando Cordel, Marileide, Biliu de Campina. Atuou como bailarino durante 10 anos do Grupo Acauã da Serra e foi professor da Escola de Dança La Barca ministrando aulas de dança de salão por mais de 10 anos. Há 11 anos na Companhia Livre de Dança que tem como identidade estética as danças populares e de salão, Mauro Araújo atualmente é diretor e coreógrafo deste grupo, dos quais 8 anos com parceria da cantora Elba Ramalho.

Imagem. 6 - Mauro Araújo e Elba Ramalho: show da cantora no Festival de Inverno, em 2006.



Fonte: Arquivo pessoal de Mauro Araujo

NYVIA SOARES

Citada por Gisele Sampaio e Mauro Araújo, de acordo com estes participantes Nyvia Soares também fez parte do início da dança de salão em Campina Grande. Dançarina desde os quatro anos de idade passou pelos mestres da dança de salão e popular como Mauro Araújo, Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa, Antônio Nóbrega, Luiz Rodrigues, Rogério, Feijão, dentre outros.

Dançarina e coreógrafa (não mais no exercício na atualidade), participou do *Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra*, de 1996 a 2011. Hoje é diretora do Balé Popular de Campina Grande e ativista cultural. Trabalha atualmente na produção de shows de artistas renomados como: Alcione, Guilherme Arantes, Léo Magalhães, Benito de Paula e Três do Nordeste. Uma de suas atuações mais relevantes no cenário das políticas culturais foram Gemmelaggo, Palagianelha (Cidade italiana).

Imagem 7. Na foto estão Ricardo Adriano e Nyvia Soares



Fonte: Foto retirada da página do Facebook de Nyvia, postada em 14 de janeiro de 2014.

GISELE SAMPAIO

Jornalista de formação desde 1992, Gisele afirma que possui 30 anos de experiência com a dança de salão, como professora e bailarina de dança de salão são 20 anos no Centro Cultural Lourdes Ramalho e em diversos centros de dança de Campina Grande. De acordo com a participante, seus estudos na dança, na condição de aluna, foram no Centro Cultural Lourdes Ramalho, tendo sido posteriormente, monitora da professora Viviane, e logo em seguida foi convidada para assumir as turmas. Segundo a mesma, nessa época ela fazia também aulas de balé clássico e participava do *Grupo Tropeiros da Borborema*, tendo sido uma de suas fundadoras do referido grupo.

Começou sua capacitação e prática da dança de salão através da sua especialização no curso de Jornalismo. Gisele conta que desenvolveu a dissertação de mestrado intitulada “A dança como instrumento do corpo e da comunicação”. Traçou sua profissionalização inicialmente pela dança popular, mas as danças de salão são a sua base, por meio de cursos, workshops, participação em fóruns, congressos, seminários, festivais em todo o País, de 1990 a 2000.

Atualmente, Gisele não atua mais como professora de dança, mas continua sendo praticante e apaixonada pela dança de salão e pela dança em geral, como exemplo, atualmente

participou da banca de Jurados do Programa da TV Itararé *Dom Dança*, nas duas últimas edições, em 2015 e 2016.

Imagem 8. A foto foi registrada no momento de sua apresentação solo no concurso Dom Dança 2015 – Apresentação dos jurados.



Fonte: Arquivo pessoal de Gisele Sampaio

DANIEL OLIVEIRA

De acordo com o participante, atua no campo da dança de salão há mais de 15 anos. Revela que seu interesse pela dança aconteceu quando criança aos 11 anos de idade, despertando pelo forró. Seu intuito era utilizar a dança para favorecer seu entrosamento no meio social. Formado em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba, em 2014. O participante destaca que iniciou sua carreira no ensino da dança na Casa de Dança La Barca, mas também atuou como dançarino da Companhia de Balé Elba Ramalho, no final da década de 90.

Atualmente é um dos proprietários do Núcleo de Dança Passo a Passo, onde também ministra aulas de dança de salão. O mesmo está cursando Pós-graduação em Dança de Salão na cidade de Curitiba – PR. Segundo Daniel, enquanto tiver forças em suas pernas, enquanto estiver falando ou não, ainda estará contribuindo de alguma forma para o ensino da dança.

Esta pesquisa reconhece os investimentos do participante ao desenvolver e apresentar o trabalho de conclusão de curso – TCC, *'O ensino da dança de salão em outros núcleos*

educativos: reflexões sobre a intervenção pedagógica'. O trabalho apresenta e discute possibilidades de ensino das danças de salão a partir de sua trajetória como professor. Importante a destacar, nesse estudo, por parte de Daniel, é a importância da formação profissional para o ensino da dança, onde a apropriação de conhecimentos de outras áreas são necessárias à prática pedagógica, mesmo em outros núcleos educativos, como é o caso das escolas de dança.

Imagem 9. Daniel Araújo e Roberta Soares – apresentação no estilo Samba de Gafieira.



Fonte: Facebook de Roberta Soares

RODRIGO ARAÚJO

Imagem 10. Rodrigo Araújo



Fonte: Foto cedida por Rodrigo Araújo de seu arquivo pessoal.

Citado por Gisele Sampaio e Jefferson Xavier como nome importante na história da dança de Campina Grande, Rodrigo Araújo foi dançarino, coreógrafo e ex-diretor do grupo de

dança *Terra Brasiles* (Grupo de dança contemporânea). Rodrigo cita ter feito cursos de dança de salão com Carlinhos de Jesus e Jaime Arôxa.

Fisioterapeuta de formação profissional, Rodrigo afirma que iniciou sua prática na dança de salão no ano de 1994, e em 1996 deu sua primeira aula de dança de salão juntamente com Gisele Sampaio. Em 2000 ministrou aulas no Estelita Cruz, com fins de espetáculo. Como relata Rodrigo era um trabalho diferenciado, uma dança de salão para espetáculo onde misturavam com outros estilos como a dança folclórica, e não necessariamente de casal.

Segundo Rodrigo, nessa mesma época ele integrava o *Tropeiros da Borborema* e havia criado a *Companhia de Dança Terra Brasilis*, a qual dirigia. De acordo com o mesmo, o grupo começou com a entrelaçar a dança de salão com a dança contemporânea e outros estilos. Rodrigo foi um dos fundadores do Fórum de Dança de Campina Grande e um dos idealizadores do Festival de Dança do Fórum. Seu último trabalho como professor foi em 2014. O estudo observa que Rodrigo traz a inspiração estética das danças de salão para a linguagem da dança contemporânea, usando sua articulação com diferentes técnicas de dança e outras formas de linguagem também, a exemplo da circense.

Imagem 11. Rodrigo Araújo e Iracy Gouveia. Data desconhecida



Fonte: Foto encontrada nas redes sociais no perfil do Facebook de Rodrigo Araújo

EUCLIDES ALVES

Euclides Alves foi citado por Mauro Araújo, Jefferson Xavier, Gisele Sampaio, Rodrigo Araújo e Daniel Oliveira como um dos pioneiros da dança de salão em Campina Grande. Licenciado em Educação Física pela UEPB e especialista em Metodologia do ensino da dança na escola, pela UFPB em 2009.

O participante relata que ao chegar em Campina Grande sentiu uma necessidade de um espaço que fosse bom para as pessoas dançarem, e como ele já praticava sentiu o desejo de poder passar um pouco de seu conhecimento para as pessoas. Em 1979 ouviu falar na velha guarda da dança de salão de Campina Grande, nomes como Zito Napi e Zé do Bode foram citados por ele, mas a pesquisa não teve acesso a outras informações sobre os mesmos.

Na entrevista revela que quando decidiu abrir a escola de dança La Barca, recebeu o apoio da proprietária Mariana Mota, mas aquele tempo, segundo ele, ninguém falava com ele, participava de grupos folclóricos, mas se sentia um estranho no ninho. Foi então, que conheceu o Zito Napi, dançarino de tango em Campina Grande, e que o mesmo foi visita-lo em sua escola e o deu bastante força. Porém, segundo Euclides sua decepção foi grande com seus amigos dançarinos da cidade na época.

Euclides afirma que seu tempo de atuação na dança de salão é de 40 anos. Nessa trajetória passou por escolas, clubes, prefeituras, sem falar nas diversas apresentações que realizou, em sua fala cita que começou a dançar no Parque do Povo, e por intermédio de Hilton Mota (pai) e Hilton Mota Filho, da Rádio Campina Grande FM, ele foi contratado para representar a rádio nos shows em Campina Grande. Foi assim que teve a oportunidade de dançar nos shows de Luiz Gonzaga, Nando Cordel, José Orlando, Beto Douglas, Fa´fá de Belém e Jorge Altinho.

Imagem 12. Na imagem Euclides e sua parceira Assima Torres.



Fonte: Arquivo pessoal de Euclides Alves

ROBERTA SOARES

Roberta Soares, uma das fundadoras do Núcleo de Dança Passo a Passo, foi citada por Mauro Araújo, Rodrigo Araújo, Daniel Oliveira e Gisele Sampaio, como referência no ensino da dança de salão e do ventre, em Campina Grande, na atualidade. De acordo com a participante do estudo, iniciou seus estudos em 1995 com os professores Rodrigo Araújo, Gisele Sampaio e Iracy Gouveia em Campina Grande. Ministrou aulas de dança Casa de Dança La Barca de 1999 a 2003.

Cirurgiã-dentista de formação, a participante cita seus investimentos no campo da dança através de workshops com Carlinhos de Jesus, Paulo Burracha, Karine Moraes, Jaime Arôxa, Renata Peçanha, Sheila Aquino, Marcelo Chocolate, Jimmy de Oliveira e Beatrice Bravo. E seus aperfeiçoamentos, em 2013, em aulas de Tango, Milonga, Zouk, Salsa e Bachata com professores argentinos. E no mesmo ano, participou do projeto “Cultura no Presídio”, sob a direção da coreógrafa Myrna Maracajá, ministrando aulas de Tango Argentino.

Imagem 13. Foto: Roberta Soares e Daniel Araújo.



Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Soares

4.3 CHEGADA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE

De acordo com os entrevistados, a chegada da dança de salão, no campo não-formal de educação, se deu a partir de Mauro Araújo, Gisele Sampaio, Rodrigo Araújo e Euclides Alves, porém existiam dançarinos desconhecidos na cidade da velha guarda como Zito Napi, dançarino de tango, nos anos 70. Nesse processo de escolarização da dança a fundação da Escola de Dança La Barca em 1997, marcou a trajetória das danças de salão. E depois dela foram aparecendo outros núcleos educativos de dança.

Os pioneiros citados faziam parte do Grupo Tropeiros da Borborema, grupo de danças folclóricas com base de casal, alguns integrantes do grupo se interessaram em buscar mais sobre a dança de salão, como foi o caso da Jornalista Gisele Sampaio, e dos professores Flauber, Rosilene, Mauro Araújo e Euclides Alves.

Gisele Sampaio fala que os dados históricos da dança de salão são um pouco contraditórios, para alguns ela vem desde a década de 20, da década de 30, mas para outros, como instrumento de prática da dança de salão foi a partir da década de 80 quando teve a ascensão das práticas dançantes, começando pelo bolero, pela salsa, tango. E logo em seguida, se deu o apogeu da lambada, que foi o que fez com que as pessoas entendessem a importância da dança de salão.

Segundo relatos de Maia e Pereira (2014), na segunda guerra mundial também contribuiu para reprimir o universo da dança social, pois, uma vez que as maiorias dos

homens estavam na guerra, às mulheres, em suas casas, dançavam sozinhas ao som de swing: “os corpos se reaproximaram com o surgimento da lambada no final dos anos de 1980 no Brasil, modalidade disseminada logo em seguida para diversos países” (p. 30).

Foi um período em que o ritmo e a dança *lambada* começavam a ocupar os primeiros lugares em execução nos programas de rádio e de TV. De acordo com Perna (2002) a retomada da dança de salão na década de 1990 provocou uma proliferação de novas academias de dança.

Ainda segundo o autor, Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa e o surgimento da lambada, no final da década de 90, trouxe a dança de salão novamente à mídia e retornou a crescer, a lambada alcançou sucesso internacional, e provavelmente se tornou um fator fundamental para que o público jovem voltasse a apreciar a dança de salão. A dança *Lambada* havia se tornado uma “febre” entre os adolescentes e jovens e um outro ritmo também estava sendo muito apreciado, a lambada comercializou a dança de salão para os moradores de campina grande na época.

A partir de um trecho mencionado por Gisele Sampaio e das afirmações dos autores, o estudo percebe que a lambada foi um dos produtos de massificação cultural lançado pela mídia e divulgado em novelas em horários nobres, como a Rainha da Sucata. A vivência da lambada, assim como outras, nas escolas de dança acompanham, em sua maioria, a lógica de mercado: o que está na moda ou nos períodos festivos intensificam-se a oferta de turmas nos estilos de dança específicos. A lambada tornou-se uma dança temporal, de certa forma esquecida e pouco tratada pelas escolas de dança, considerando as demandas de mercado também sofridas pelas danças nestas instituições.

Após a Escola de Dança La barca ser aberta, surgiram alguns dançarinos ditos amadores que também começaram a se interessar pelo ensino. A La Barca institucionalmente marca um tempo importante para a dança de salão em Campina Grande, a inserção do estilo na cidade foi desencadeando a criação e a oferta de turmas de dança de salão em outros centros culturais e educativos também inseriram a modalidade em seus espaços, as Sociedades Amigos de Bairro - SAB, Clubes de Mães, Academias de ginástica, o Centro cultural Lourdes Ramalho, Núcleo de Cultura da UEPB e mais recente o Teatro Municipal Severino Cabral, em 2014, onde diversos bailarinos foram convidados para ministrar aulas como cita o entrevistado Mauro Araújo:

[...] foi uma febre muito grande em todo o Brasil, em todo o mundo, mais no Brasil foi muito forte, obviamente campina grande, campina grande é uma

cidade totalmente voltada para cultura, principalmente pra dança, foi assim uma coisa muito louca, a gente tinha 7 turmas no centro cultural, a gente tinha turma pela manhã, a tarde e a noite, e fora isso a gente dava aulas em todo interior ainda. (Trecho retirado da entrevista com Mauro Araújo, em anexo)

A presença da dança de salão em programas televisivos causou e causa cada vez mais interesse da população em geral pela busca do aprendizado da dança de salão, e isso faz com que diversas escolas de dança e academias de ginástica aumentem o número de alunos. Porém, o foco na parte financeira nessas instituições deixe escapar, por acreditar não ser sua função social e o seu cliente não estar interessado, nas reflexões que podem surgir rapidamente: o destaque destes programas aonde após uma semana ou menos de ensaios os participantes apresentem uma sequência coreográfica de um estilo de dança, como é o caso do Domingão do Faustão com o quadro “Dança dos Famosos” da Rede Globo e o programa “Se Ela Dança. Eu Danço” do SBT.

Nesse contexto, o estudo acredita que os nomes citados pelo estudo (e outros também importantes, mas não citados) assumem um protagonismo que merece ser destacado muito mais do que a “força” da midiaticização das danças de salão. Os investimentos destes profissionais da dança, em sua graduação, cursos de especialização, workshop, as dificuldades encontradas, dentre outros foram fundamentais para o trato da dança de salão no campo artístico-cultural, de lazer e pedagógico.

Segundo Maia e Pereira (2014 p. 30), os corpos se reaproximaram com o surgimento da lambada no final dos anos de 1980 no Brasil, modalidade disseminada logo em seguida para diversos países. Percebesse que a cidade se voltou mais para dança com a chegada da Lambada no Brasil nos anos 90, segundo Gisele Sampaio a dança de salão foi muito receptiva, porque as pessoas intuía para si situações em que vivenciavam, como por exemplo, dançar o tango. Segundo a participante: o tango era um sonho de consumo, era algo extremamente de status dançar um tango, dançar o bolero. A partir daí foram abertas várias casas de dança, e os eventos organizados por produtores contratavam os artistas para fazerem apresentações, tanto solos como em dupla e grupos, com apresentações nos estilos: Salsa, Mambo, Merengue, Rumba, Gafieira e forró.

O estudo destaca uma das instituições que trabalhavam com a dança de salão, como a Academia Fisio Forma que tinha como proprietária Gilma, mãe de Rodrigo Araújo.

Segundo Rodrigo Araújo, a FisioForma era uma academia voltada para reabilitação e promoção de saúde, a academia possuía uma sala de musculação e salas de dança para aulas de balé, ginástica aeróbica e dança de salão. Rodrigo Araújo e Gisele Sampaio ministravam aulas de dança de salão, professores à época de Roberta Soares.

Podemos observar na imagem 14, os nomes das pessoas que em 1995 participavam da academia e das atividades promovidas pela mesma, como a 2ª MOSTRA DA ACADEMIA DE DANÇA FISIIFORMA, Campina Grande-PB).

Imagem 14. Foto do cartaz de divulgação da segunda amostra de dança da academia FisiOForma.



Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Soares

Imagem 15. Elenco – segunda mostra da academia FisiOForma.



Fonte. Arquivo pessoal de Roberta Soares

Segundo Souza (2013), começar a pensar e fazer dança concomitantemente com o registro do seu processo e resultado é algo essencial para a construção e consolidação da nossa dança brasileira. E uma das maiores dificuldades da pesquisa foi quanto aos participantes cederem seus registros imagéticos, a maioria teve dificuldade de encontrar esses registros.

Pode ser destacado pelo estudo, um dos participantes que trata a dificuldade de manter uma escola de dança em Campina Grande. Para ele, existem mais professores na cidade do que aluno. Grande parte dos entrevistados da pesquisa ainda atua no ensino da dança, onde são remunerados para esse feito, porém é preciso refletir na carência que é ainda a educação da população para a dança.

Dança de salão no campo da arte “sofre” as mesmas questões de ordem de apoio e investimentos, sobretudo financeiros. No entanto, para o estudo, na atualidade a dança de salão nessa vertente ainda luta pelo reconhecimento se comparada a outras danças, como o balé ou a dança moderna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os momentos da história da dança de salão em Campina Grande fazem parte da memória da dança de salão no estado da Paraíba, instituições e pessoas que precisam ser reconhecidos(as), pois de alguma forma, se foram lembrados(as), é porque contribuíram e/ou ainda contribuem para o cenário da cultura local. A pesquisa identificou trechos históricos da dança de salão em Campina Grande a partir dos relatos e imagens obtidas.

Os clubes, como o Campestre, dos Caçadores, Ypiranga e o Campestre, marcaram a vivência das danças de salão marcada pela tradição dos bailes, festas, shows, onde a dança agregava o lúdico e a comemoração de datas e solenidades importantes, como os bailes de formatura, o carnaval, o encontro de jovens, a experiência de lazer.

No campo educacional, um marco importante para a dança foi a criação da Escola de Dança La Barca a partir do professor Euclides Alves, cujo nome foi o de maior recorrência no que se refere à inserção da dança de salão em Campina Grande, na realização de um trabalho de 40 anos.

Atualmente a dança de salão na cidade destaca-se também no contexto artístico ampliando-se a vertente do lazer que marcou a sua chegada a partir dos clubes citados no estudo. Nesse sentido, o estudo exemplifica com o Núcleo de Dança Passo a Passo, especialmente o trabalho desenvolvido por Daniel Oliveira e Roberta Soares, que vem ocupando um destaque pelas articulações entre a prática de ensino da dança nos campos educacional, de lazer e artístico.

O Grupo de Dança Amargue é um grupo específico que tematiza esteticamente as danças de salão no campo artístico, em Campina Grande, fazendo um trabalho voltado para apresentações em espetáculos e participando de concursos de dança, a exemplo do Dom Dança.

Novos nomes de estudiosos da dança, ativistas culturais, dançarinos, professores e coreógrafos estão surgindo na cidade como: Jefferson Xavier, Juieme Lúcio, Elisson Custódio, Alana Alcântara, Ássima Torres, Anderson Silva, dentre outros nomes segundo os entrevistados Euclides Alves e Rodrigo Araújo.

O estudo compreende que possivelmente nomes podem não ter sido citados e sejam também importantes para a história da dança de salão em Campina Grande. Os trechos históricos da dança de salão na cidade foram traçados a partir dos relatos e imagens dos participantes da pesquisa. Sendo assim outros profissionais surgiram e atualmente existe um número razoável de atuantes da dança artística como também de professores do estilo.

Um dos limites do estudo está relacionado à disponibilização de acervo pessoal organizado, bem como, a dificuldade de se ter acesso aos acervos documentais de equipamentos culturais como o Teatro Municipal Severino Cabral e do Centro Cultural da cidade. Daí, muitas imagens e documentos utilizados para a pesquisa foram grande parte através da internet, autorizados pelos participantes, para serem retirados de redes sociais como Facebook, Whatsppp, Youtube, além do Currículo Lattes.

Nesse sentido, a pesquisa destaca a importância de novas posturas de dançarinos, professores, coreógrafos, grupos de dança, ao escreverem seus diários de bordo, arquivarem, de forma organizada, suas fotos, vídeos e material de imprensa. As instituições artístico-culturais organizar banco de dados com suas pautas, espetáculos e cursos, oficinas ofertados.

A historicidade precisa ser registrada, mantida e compartilhada para que ela não se perca, pois, suas fotos, vídeos, reportagens, instituições, as pessoas são arquivos significantes para a memória cultural e de lazer da dança de salão em Campina Grande. É a valorização e a preservação de parte da história tornando-se produção de conhecimento que poderá ser consultada por estudiosos e interessados em geral contribuindo assim com outros estudos da dança em Campina Grande.

O presente estudo cumpriu seus objetivos, respondendo e esclarecendo as questões de pesquisa propostas. Pode-se dizer que as informações apresentadas auxiliaram como referência a possíveis pesquisas sobre o tema que venham a surgir, servindo como conhecimento sobre a história da dança de salão na cidade de Campina Grande, bem como sugere que mais estudos sejam feitos sobre o assunto, para que aprofundem as categorias de análise tratadas nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Daniel Oliveira. **O ensino da dança de salão em outros núcleos educativos: reflexões sobre a intervenção pedagógica.** Campina Grande, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Portugal: Edições 70, 2002.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo, Brasil. 10 ed. 2001.

CAMPESTRE, Clube Campestre de Campina Grande, disponível em:

<http://campestre.cg.com.br/> (acessado em 15/03/2016)

CARVALHO, A.G. **Dança de Salão: Uma Possibilidade de Linguagem,** Revista Conexões, Campinas, v.5, n.1, 2008.

CAVALCANTE, I. **A trajetória do balé clássico ao contemporâneo na cidade de Campina Grande-PB.** (Trabalho de conclusão de curso de graduação em Educação Física. Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande: Paraíba, 2013).

CHEMIN, B. F. **Políticas públicas de lazer: o papel dos municípios em sua implementação.** Curitiba, Juruá, 2007.

COSTA, E. M. de B. **O corpo e seus textos: o estético, o político e pedagógico na dança.** (Tese de doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: São Paulo, 2004).

FREIRE, I.M. **Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento.** Cadernos Cedes, Campinas, v.21, n.53, p.31-55, 2001.

GALLAHUE, David L e DONNELLY, Frances Cleand. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças - 2008.**

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas A Interpretação das Culturas A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOMES, Jussara Vieira. **Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil.** Rio de Janeiro, 2012.

LARROSA, Jorge **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOREGIAN, Camila - **Apontamentos sobre o ensino sistematizado da dança de salão na cidade de porto alegre: a partir da trajetória de um professor.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2011.

MAIA, Maria Aparecida Coimbra e PEREIRA, Vanildo Rodrigues – **Dança de salão – uma alternativa para o desenvolvimento motor no ensino fundamental.** Phorte Editora. Edição: 1. Ano: 2014

MARIA, Helena Franco de Araújo Basto. **Corpoestados: singularidades da cognição em dança**. Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil, 2014.

MARINHO, J. L. S.; LEMOS, E. M. B. C. **A experiência estética da dança e os diálogos possíveis com as políticas públicas de lazer em Campina Grande-PB**. (Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física – Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Educação Física. UEPB/PB). Campina Grande, 2009.

MATTHIESEN, Sara Quenzer, *et all.* **Linguagem, Corpo E Educação Física**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2008, 7 (2): 129-139.

MORAIS, M. de. **História oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Corpo, linguagem e educação**. DO CORPO: Ciências e Artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 1, jul./dez. 2011.

PERNA, Marco Antônio, - Samba de gafieira: A história da dança de salão brasileira. Rio de Janeiro: Edição do Autor (Segunda edição), 2005.

PINTO, L.M.S. **Estado e sociedade na construção de inovações nas políticas sociais de lazer no Brasil**. In. MARCELLINO, N.C. (Org.). Políticas públicas de lazer. Campinas, SP: Alínea, 2008.

RETALHOS Históricos de Campina Grande - Disponível em:
<<http://Campestrecg.Com.Br/Category/Historico/>>. Acesso em 15 Jan/2016.

RIED, Bettina. **Fundamentos de Dança de Salão** – Programa Internacional de Dança de Salão, Programa Basico de Dança Esportiva. Londrina, 2013.

SEVCENKO, N. **O desafio das tecnologias à cultura democrática**. In: PALLAMIN, Vera (org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos** – Ed. Contexto – São Paulo, 2012.

SIQUEIRA, Denise Da Costa Oliveira – **Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena** – Campinas - SP, Editora Autores Associados LTDA, 2006.

SOUZA, Nilza Coqueiro Pires, e CARAMASCHI, Sandro. - **Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola** - Motriz, Rio Claro, 2011.

ANEXO

ANEXO I

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Área de Formação Profissional:
- 1.2. Ano de conclusão:
- 1.3. Tempo de experiência com Dança de salão:
 - a) Geral b) Profissional/Ensino ou c) Artístico
- 1.4. Local de ensino

II – MEMÓRIAS DA DANÇA DE SALÃO: localizando a trajetória

- 2.1. Fale do início da sua experiência com a dança de salão (como foi, em que ano, onde aconteciam as práticas, outras informações pertinentes)?
- 2.2. O que você sabe sobre o surgimento/chegada da dança de salão em Campina Grande?
- 2.3. Qual(is) pessoa(s) foi importante para a inserção da dança de salão em Campina Grande?
- 2.4. O que lhe movia a vivenciar a dança de salão?
- 2.5. Fale sobre a receptividade e a disseminação da dança de salão para a sociedade e para o público a época?

III - MEMÓRIAS DA DANÇA DE SALÃO: registrando a contemporaneidade

- 3.1. Qual(s) desdobramento(s) da dança de salão na atualidade - o que permaneceu e o que modificou?
- 3.2. Qual direcionamento você deu da dança de salão em sua vida?
- 3.3. Hoje, qual(is) pessoa(s) são relevantes na divulgação da dança de salão em Campina Grande?
- 3.4. Na atualidade, qual(s) o(s) trabalho(s) desenvolvido(s) no campo do ensino e/ou artístico que você destaca na cidade, seja em escolas de dança ou academias de ginástica? Porque?

APÊNDICE

APÊNDICE I**TERMOS DE CONSENTIMENTO****UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento eu _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa intitulada 'A HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE-PB', sob a responsabilidade de Elaine Melo de Brito Costa. O meu consentimento em particular da pesquisa se deu após ter sido informado pelos pesquisadores de que:

1. A pesquisa se justifica pela contribuição em pesquisas abordando as possíveis relações entre a história da dança e a cultura local na cidade de Campina Grande-PB, gerando uma discussão de suma importância na área.
2. Os dados serão coletados através de uma entrevista semi-estruturada, cujas fontes de dados serão documentos de fonte primária e não-primária.
3. Minha participação é voluntária, tendo eu a liberdade de desistir a qualquer momento sem risco de qualquer penalização.
4. Será garantido o anonimato e guardado sigilo de dados confidenciais.
5. Caso haja necessidade de contactar os pesquisadores durante e/ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelo telefone (83) 3315-3469
6. Não há riscos na pesquisa, sendo os benefícios de cunho histórico-cultural e educacional no campo da dança.

Campina Grande, _____ de _____ de 2015.

Participante da Pesquisa



APÊNDICE II**TERMO DE COMPROMISSO DOS PESQUISADORES****UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA****Comitê de Ética em pesquisa****TERMO DE COMPROMISSO DOS PESQUISADORES**

Por este termo de responsabilidade, nós, abaixo-assinados, respectivamente, autor e orientanda da pesquisa intitulada 'A HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO EM CAMPINA GRANDE-PB', assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas na Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde /MS, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao(s) sujeito(s) da pesquisa e ao estado, Resolução /UEPB/CONSEPE/10/10/2001.

Reafirmamos, igualmente, nossa responsabilidade de indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes à pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito e também as orientações incluídas na pesquisa, por um período de cinco anos após o término desta. Apresentaremos semestralmente e sempre que solicitado pelo CCEP/UEPB (Conselho Central de Ética em Pesquisa /Universidade Estadual da Paraíba), ou CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunidade ainda a CCEP/UEPB, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Campina Grande, ____ de _____ de 2014.

Elaine Melo de Brito Costa
Pesquisadora